

Entrevista com o escritor Álvaro Marins, para a **FlorAção**,
Revista de Crítica Textual do Laboratório de Ecdótica da UFF:

- 1) Álvaro, fale um pouco sobre sua trajetória como escritor. Ter estudado na Faculdade de Letras da UFRJ contribuiu/contribui em que sentido em seu percurso como autor, como intelectual?

Na minha primeira juventude eu comecei escrevendo para teatro, peças teatrais, porque eu trabalhava como ator no final da década de 1970. Escrevi duas peças que foram encenadas naquela época, *Cotidiano nº 15*, que foi censurada, mas que teve uma apresentação fechada apenas para estudantes na antiga Escola de Teatro da Fefierj (atual UniRio), e *Rádio em um ato*, com trilha sonora de Tom Zé, com músicas do seu disco *Todos os olhos*. Esta segunda percorreu o circuito de teatro alternativo no Rio de Janeiro e outras cidades do Estado durante todo o ano de 1977.

Em 1983, eu entrei para o curso de Letras da UFRJ e, junto com o Paulo Lins, o Carlos Eduardo Cardoso e o Everardo Cantarino, fundamos no ano seguinte a Cooperativa de Poetas, que publicava nossos livros de poemas e cartões postais com poemas dos mais variados autores, brasileiros e estrangeiros. Além disso, tínhamos um ateliê onde estampávamos camisas com versos nossos e também de outros autores. Durante cerca de dois anos viajamos por quase todo o país vendendo e divulgando nossas produções. Era um circuito também alternativo, principalmente, de encontros de estudantes e professores de Letras, feiras literárias, etc. Era muito divertido e o dinheiro arrecadado nos sustentava minimamente, além de financiar nossas despesas universitárias. Nesse período publiquei três pequenos livros de poemas: *Te amo e estamos conversados*, *O aprendiz de mascate* e *Lobisomem às avessas*.

A Faculdade de Letras me possibilitou ainda conhecer varios colegas estudantes que davam seus primeiros passos nas suas futuras carreiras no campo das letras, como o próprio Paulo Lins, o romancista Alberto Mussa, os poetas Eucanaã Ferraz e Carlito Azevedo, as poetisas Simone Brantes e Lucila Telles, as editoras Liana Pérola Schipper e Luciana Viégas, os futuros professores Valdemar Valente Jr. e Danielle Corpas, a escritora de literatura infanto-juvenil Georgina Martins, além da poeta e cineasta Virgínia Gualberto. Também foi lá que conheci o romancista Godofredo de Oliveira Neto, o letrista Fred Góes e o poeta Antonio Carlos Secchin, professores da

casa e muito próximos dos estudantes. Todo esse convívio, creio, foi muito proveitoso para todos nós.

Depois da graduação, fiquei um bom tempo sem escrever textos literários, me dedicando somente aos textos de monografias, dissertação e tese nos cursos de mestrado e doutorado. Período de muita leitura e aprendizado. Não posso deixar de destacar que foi graças aos cursos de Letras na UFRJ que pude me profissionalizar nas atividades de editor, professor e pesquisador, as quais exerço até hoje. Ao longo desses anos publiquei duas antologias: *Melhores poemas de Paulo Leminski*, pela Global, e *Páginas esquecidas: uma antologia diferente de contos machadianos*, pela Língua Geral. Também publiquei em livro a minha tese de doutorado, *Machado de Assis e Lima Barreto: da ironia à sátira*. Esses três livros, obviamente, são frutos diretos das pesquisas que desenvolvi nos cursos de pós-graduação.

- 2) Como foi o processo de criação de **Suíte carioca e outros contos esquisitos**? Você primeiro pensou no título da obra? Começou por qual dos contos? Houve um espaço grande entre a escrita dos contos e sua publicação? Alguns deles já haviam sido publicados antes?

O meu processo criativo é muito lento. Eu começo anotando ideias de contos e vou abrindo um arquivo para cada uma delas no computador. Pode ser uma frase inicial, um tema, um enredo, um personagem, uma frase final ou um título que me agrada. Aos poucos, vou desenvolvendo-os simultaneamente. Quando tenho tempo, abro um desses arquivos e trabalho nele um pouco. Quando fico satisfeito, paro, salvo e fecho o arquivo. Quando surge uma outra oportunidade, posso voltar a ele ou a um outro, dependendo da minha motivação, para desenvolver determinada ideia ou continuar trabalhando em um conto que já está mais desenvolvido.

No caso do *Suíte carioca*, eu estava trabalhando inicialmente em contos mais voltados para uma atmosfera fantástica, caso de “O menininho que chorava” e de “A estranha história de Alejandro Rodrigues de Alarcón, além de outros contos que não entraram nesse livro. Entretanto, outros contos foram ficando prontos e se distanciaram desta atmosfera, como “Duas biografias de Waldomiro Pinto Rocha (resenha)”, “A discípula” e “Na Praça Tiradentes”. Nisso surgiu o título do conto “Suíte carioca (o casamento de Carlos e Marga)”, que estava em andamento e é continuação do conto

“Um assassino”, publicado em meu primeiro livro, *A mulher do fuzileiro e outras quase histórias*. Nesse ponto, considerei que *Suíte carioca* era um bom título para um livro de contos. A palavra “suíte” significa, entre outras coisas, “sequencia”, e é também uma forma musical cujo enredo se caracteriza por muitas reviravoltas, caso do meu conto. Paralelamente, terminei o conto “Um homem chamado Pero de Covilhã”, um personagem histórico, do qual muito pouco se sabe concretamente, e com uma trajetória muito esquisita. Resolvi pesquisar a palavra “esquisito” e decidi incluí-la no título do livro, já que os quatro ou cinco contos que eu tinha prontos, aparentemente, não formavam um conjunto coeso. Comecei, então, a trabalhar nos contos que eu já tinha iniciados, e que se encaixavam melhor nessa ideia de contos esquisitos. Uma vez selecionados, organizei o sumário, a sequencia do livro, sua estrutura como conjunto. Em seguida, terminei “De volta a Japiabaçu” e a “Caderneta escolar (romance de formação)”. Faltava apenas terminar o próprio “Suíte carioca”, que abria o livro, e “O anacoreta”, que o fechava. Consegui terminar o segundo, e o meu drama foi concluir o primeiro, justamente o que abria o livro e lhe dava o título. Eu sabia qual seria o seu final, mas ele tornou-se um conto muito longo — na verdade, virou uma novela — e eu precisei trabalhar nele durante muito tempo. Enquanto eu não o terminava, o livro não ficava pronto.

- 3) Pela leitura dos contos que formam **Suíte carioca e outros contos esquisitos**, dá para imaginar que você é um leitor contumaz de Machado e de Borges. A mesma impressão foi verbalizada por Alberto Mussa na apresentação de **Suíte carioca**. Então, aqui vai a pergunta que não quer calar: você é um leitor contumaz de Machado e de Borges? E, da literatura produzida hoje, quais são as autoras e os autores que você costuma ler?

Eu já fui um leitor mais regular de Machado de Assis. A minha tese de doutorado foi sobre ele e Lima Barreto; chama-se *Machado de Assis e Lima Barreto: da ironia à sátira*, publicada pela Utópos em 2004. Depois, eu organizei uma coletânea de contos do Machado, chamada *Páginas esquecidas: uma antologia diferente de contos machadianos*, publicada pela Língua Geral em 2008. Em relação ao Borges, eu coordenei a edição do dossiê sobre ele na revista *Range Rede – Revista de Literatura*, que foi publicada pelo Palavra Palavra - Grupo de Estudos Literários, do qual eu participei no finalzinho do milênio passado. Gosto muito dos dois, conheço a prosa

toda de ambos, fazem parte dos meus autores favoritos, mas já faz um tempinho que não os leio.

Quanto à literatura contemporânea, dos mais recentes, e entre os brasileiros, gosto do Luiz Ruffatto, da Luciana Hidalgo, do Dau Bastos, do Godofredo de Oliveira Neto, do Alberto Mussa e do Paulo Lins. São autores de quem eu procuro acompanhar as trajetórias porque têm aspectos em suas obras que me interessam. Dos estrangeiros, leio com prazer o chileno Roberto Bolaño e o espanhol Vila-Mata, pelos mesmos motivos.

- 4) Sobre a materialidade desse seu segundo livro de contos, o primeiro foi **A mulher do fuzileiro** e outras quase histórias, você opinou em relação a bela capa da edição feita pela Graphia?

A minha opinião sobre o projeto gráfico e a capa da Renata Khum é excelente. Gostei desde o primeiro momento em que me foi apresentado. Não fiz nenhum reparo. E olha que eu sou muito exigente nisso por conta da minha atividade como editor. Mas eu já conhecia o catálogo da Graphia e eu sabia que elas não iam errar logo comigo. Eu tinha preocupação mesmo era com a diagramação e a escolha de fontes para o conto “Caderneta escolar”, porque ele, por suas características, apresenta algumas dificuldades nesse sentido. Todavia, fiquei bastante satisfeito com as soluções encontradas.

- 5) Sobre o número de contos, 10 ao todo, que compõem **Suíte carioca** e outros contos esquisitos, assim como a respeito da ordem em que eles estão dispostos naquela publicação em formato livro, há alguma razão, inclusive, de intenção de formação de sentido?

Sim. Eu gosto da ideia de séries. No *A mulher do fuzileiro*, o projeto inicial também era de 10 contos. Mas o editor pediu para eu acrescentar mais um para encorpar mais o volume. Aí, eu incluí o “Um assassino”, que eu já estava escrevendo, pensando em um futuro livro. Nesse primeiro livro eu escolhi contos voltados mais para o Rio de Janeiro, com poucos deslocamentos no tempo e no espaço, procurando mostrar a geografia social da cidade e seus arredores.

No *Suíte carioca*, eu amplio esses deslocamentos de forma gradativa nos seis primeiros contos. Neles eu abordo o Rio de Janeiro, desde a década de 1930 até os dias atuais. Também vou me afastando do Centro do Rio, passando pela periferia, por Minas, até Brasília. Nos quatro últimos contos eu amplio ainda mais estes deslocamentos, indo à Pernambuco, a Buenos Aires, a Portugal, à Itália, à África, e à Índia, com histórias que se passam nos séculos XII, XV, XVI, XIX e XX. Nesses quatro contos eu procuro abordar também personagens com vidas duplas.

O sentido, eu creio, foi mostrar como esses tempos e espaços se entrelaçam historicamente a partir de enredos e personagens, que inclusive “saltam” de contos do primeiro livro para esse segundo.

- 6) Por que, Álvaro, contos e não, por exemplo, romances ou poemas? E, na esteira dessa pergunta, como você vê a diluição de fronteiras entre os gêneros textuais hoje?

Eu estou gostando muito de escrever contos, acho uma forma muito interessante, a mais recente das formas literárias, com exceção da crônica jornalística, que é meio híbrida de forma literária e jornalística. A literatura moderna caminha lado a lado com o desenvolvimento do conto, se pensamos em Poe, Tchecov, Machado, Guimarães Rosa, Clarice, Borges, Cortázar e tantos outros que consolidaram o conto como forma literária específica.

Poemas já escrevi mais e publiquei. Eu ainda escrevo poemas de vez em quando, mas não tenho publicado por enquanto. Tenho uma ideia para um romance, mas ela ainda não está madura.

Essa questão da diluição das fronteiras entre os gêneros textuais me interessa de uma forma bastante particular. Me interessa mais pelos registros lingüísticos na criação dos idioletos de narradores e personagens. Procuro dar a eles formas próprias que os caracterizem lingüisticamente. Me interessa também incorporar registros não-literários na estrutura de alguns dos meus contos; diários, depoimentos, resenhas, diálogos telefônicos, cartas, conversas peripatéticas, conversas de botequim, cadernetas escolares, relatórios, divagações, testamentos, etc. São materiais, aos quais procuro dar um tratamento literário até transformá-los em contos. Esse é o trabalho e, quando consigo, fico muito satisfeito.

- 7) A literatura teria ou tem, para você, uma missão? Se sim, qual seria?

Eu entendo a literatura como arte, tal como a pintura, a música, a escultura, e assim por diante. Então, eu trabalho no sentido de criar obras de arte. Eu estudo muito essa forma de arte que é a literatura e procuro trabalhar da melhor forma possível os seus materiais: a língua e seus vários registros, os personagens, o enredo, minhas observações pessoais sobre o mundo e os fatos da vida, memórias pessoais, contextos históricos/sociais, leituras, o foco narrativo, o tempo da narrativa, etc. Nesse sentido, quando escrevo um conto, eu procuro combinar estes materiais de maneira a compor um texto capaz de proporcionar ao leitor algum prazer estético. Ou seja, um texto que mobilize as várias percepções do leitor de forma específica e integrada artisticamente. Os textos literários diferem de outros textos por suas características próprias. Eles operam com códigos de comunicação, que são distintos, por exemplo, do texto jornalístico, do texto científico, dos textos de ordem mais pessoal (uma carta, um relato) ou dos textos oficiais (depoimentos, ofícios, relatórios), para citar apenas alguns tipos de textos que diferem do texto literário nas suas funções. Se no texto acadêmico, a necessidade de precisão de informações o afasta da ambiguidade, no texto literário a ambiguidade pode cumprir um papel fundamental. O que é desejável em um tipo de texto, pode ser irrelevante ou mesmo disfuncional para outro. Figuras de linguagem, como a ironia, são fundamentais no texto literário, mas podem ser desastrosas em um relatório, em um depoimento à justiça, em uma carta ou em uma biografia. Muitos tipos de textos buscam estabelecer um compromisso com a verdade factual; o texto literário compromete-se apenas com a verossimilhança, porque ela é muito importante no diálogo silencioso que estabelece com o seu leitor; seus personagens, por mais realistas que sejam, não são reais; são da ordem da ficção, fruto da imaginação. O escritor de ficção opera com analogias, metáforas, metonímias e inúmeros outros recursos da língua, procurando estimular no leitor conexões cognitivas menos usuais nos discursos e narrativas da vida comum, mas nem por isso, menos importantes para sua compreensão do mundo ao seu redor. Essa seria para mim, de forma simplificada, a missão da literatura.

8) Você poderia nos falar de seus próximos projetos?

A ideia é continuar a série de livros de contos/novelas que continuem trabalhando os temas tratados nos dois primeiros. É a tentativa de ir construindo aos poucos um

painel da vida brasileira e suas articulações com a história do país, que, por sua vez, está entrelaçada com a história do mundo. Tenho um conto pronto e varios iniciados. Penso em fazer uma seleção que teria como título *Boleros de verão: histórias de amor e outras ficções*. Mas é tudo muito provisório ainda. As coisas costumam mudar ao longo do proceso. No momento, estou mais focado na divulgação do *Suíte carioca*. Gosto de saber como os leitores estão recebendo os textos que publico. Levo muito em consideração cada opinião e críticas, pois elas me ajudam a pensar melhor sobre o que escrevo.

ARTIGOS: